



DOENTES NOS CORREDORES UNIVERSITÁRIOS: O ESPAÇO DA UNIVERSIDADE COMO IMPULSIONADOR DO ADOECIMENTO MENTAL DE GRADUANDOS

Patients in university corridors: the university space as a boost for mental illness of undergraduate students

Isadora Silva Araújo

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4750-7194>

araujo.isadoraa@gmail.com

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos

Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei. Departamento de Geociências

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0924-7328>

adelaine.carbonar@ufs.edu.br

Artigo recebido em mai/2023 e aceito em ago/2023

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender como o processo de adoecimento mental dos discentes do curso de Geografia impacta na vivência socioespacial acadêmica. Perceber a universidade como um espaço de vivência de indivíduos é entender que o local contempla diferentes narrativas, e dentre elas, as daqueles que adoeceram durante o processo de formação acadêmica. Para tanto, foram selecionados como objeto de estudo os graduandos vinculados ao curso de Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), abrangendo os ingressos ativos associados à licenciatura e ao bacharelado. No total foram coletadas 57 respostas por meio de questionário adaptado para aplicação pela plataforma virtual *Google Forms*. Por eles, realizou-se análise dos perfis socioeconômicos dos discentes, identificou-se como o processo de adoecimento mental destes discentes se (re)elabora semestralmente e verificou-se as espacialidades que ocorrem no processo de adoecimento mental. Os dados foram analisados pelo método de análise de conteúdo do discurso com a formulação de uma tabela de auxílio. Na tabela em questão, os depoimentos foram categorizados e subcategorizados em grupos visando espacialização dos fatores que influenciam no processo de adoecimento mental. Os resultados atingidos remontam a universidade como espaço de encontro de fatores que prejudicam a saúde mental, o que contrapõe com a ideia do espaço universitário como condutor de melhoria na vida daqueles que o frequentam. O fator ansiedade apresentou destaque em diversas esferas captadas pela pesquisa, constatando a presença de transtornos mentais comuns dos discentes universitários da Geografia.

Palavras-chave: Geografia da saúde; Espaço universitário; Adoecimento mental.

ABSTRACT

This article aims to understand how the process of mental illness of the students of the course of Geography impacts in the academic socio-spatial experience. Perceive the university as a space for individuals to experience is to understand that the place contemplates different narratives, and among them, those of those who fell ill during the academic training process. Undergraduates linked to the geography course at the Federal University of São João del-Rei (UFSJ) were selected as the object of study, covering active admissions associated with the licentiate and bachelor's degree. In total, 57 answers were collected through a questionnaire adapted for application by the virtual platform Google Forms. For them, an analysis of the socioeconomic profiles of the students was carried out, it was identified how the process of mental illness of these students is (re)elaborated every six months and the spatialities that occur in the process of mental illness were verified. The data was analyzed by the discourse content analysis method with the formulation of an aid table. In the table in question, the statements were categorized and subcategorized into groups in order to spatialize the factors that influence the process of mental illness. The results achieved date back to the university as a meeting place for factors that harm mental health, which contrasts with the idea of the university space as a driver of improvement in the lives of those who attend it. The anxiety factor was highlighted in several spheres captured by the research, noting the presence of common mental disorders of university students of geography.

Keywords: Geography of health; University space; Mental illness.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo compreender como o processo de adoecimento mental dos discentes do curso de Geografia, da Universidade Federal de São João del-Rei, em Minas Gerais, impacta na vivência socioespacial acadêmica. Apontando que, a evolução do caso de adoecimento mental deságua diretamente/indiretamente na vivência socioespacial acadêmica evoluindo com a vinculação ao curso com o passar dos anos (períodos do curso).

Com cargas distintas àqueles que estão inclusos, o espaço acadêmico se reinventa constantemente com a presença daqueles que se relacionam no espaço, entretanto, existe por trás um elemento agindo no local que instaura um processo de adoecimento mental. A universidade com o passar do tempo se torna lar, exigindo dedicação, e às vezes, exclusividade, enquadrando obrigatoriamente os que desejam permanecer no presente espaço.

Por mais que o cenário acadêmico seja um desejo pelas possibilidades que apresenta, ele leva muitos a abrirem mão de questões relevantes e posicionamentos ao longo de trajetórias. Muitas vezes diversos jovens são obrigados a se retirar da casa de seus familiares precocemente do que haviam imaginado, isto porque a distância da universidade impossibilita o deslocamento diário. Visto isso, inicia-se uma saga de se adequar a um novo lugar, exposto apenas a estranhos e com toda a carga de se “virar sozinho”, é jogado a uma nova cidade, uma nova casa, com novas pessoas, nem sempre

havendo como se sustentar atrelando com o início de sua vida acadêmica, a qual estipula em conjunto outros pesos antes não vivenciados pelo indivíduo. “A perda do lar ou a “perda de seu lugar”, frequentemente podem acionar uma crise de identidade”, apresenta Buttimer (2015).

A vida acadêmica, em uma escala individual, incorpora ao graduando deveres de acordo com seu período cursado, em que as demandas influenciam diretamente em seu estado mental, distinguido de um calouro (àqueles que estão no início do curso) à um veterano (àqueles que estão no final do curso). Explicando, Ariño e Bardagi (2018), comprovam que a imagem do próprio a respeito de sua autoeficácia quanto estudante atuam na saúde de sua psique. No caso, se as análises singulares perpassam a conclusão de baixa capacidade para realização de atividade, o aluno acaba sendo afetado por emoções instáveis e pessimistas.

Não bastando toda essa insegurança e imposição sofrida, o estudante ainda é obrigado a lidar com a instabilidade fora do meio acadêmico, pois não há garantias de que ao sair do espaço universitário encontrará oportunidades de emprego, podendo todo o sacrifício realizado durante os anos na universidade não darem frutos brevemente. Cabe a esse cidadão enfrentar mais uma época difícil em sua vida, o qual diversos não tem amparo familiar ou financeiro, o levando para um adoecimento mental.

Quando nos colocamos à frente para observar a situação da universidade como um ambiente discutível, podemos citar a quantidade de afetados com Transtornos Mentais Comuns (TMC) por diversos fatores como: ansiedade, depressão, nervosismo, burnout, entre outros. Desse modo, a pesquisa se delinea a partir da compreensão da raiz dos problemas ocasionados dentro do ambiente acadêmico e suas consequências na vida dos afetados, de forma que transmita uma compreensão geral do porquê e da necessidade de darmos atenção a esses transtornos. Além disso, é possível que este processo de adoecimento mental que afeta os universitários se (re)elabore de acordo com o tempo de permanência no espaço da universidade. Partindo dessa proposta, quando conhecermos melhor o problema, saberemos como o abordar, sendo de tamanha importância apontar soluções cabíveis de serem tomadas para diminuir a intensidade do processo de adoecimento dos discentes do curso de Geografia.

Outra questão que nos motiva a efetuar a pesquisa é a escassa presença de trabalhos ligados à Geografia da Saúde que abordem esse tema e o interligue a características da sociedade, havendo associação com dados coletados por meio de questionários, os quais possibilitariam uma compreensão geral de suas ocorrências e consequências. Ao importarmos acerca da saúde mental na universidade e os agravamentos existentes, se faz necessário uma compreensão maior e elaboração de pesquisas mais detalhadas sobre a questão dos Transtornos Mentais Comuns (TMC).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão é considerada o mal do século, sendo ela, um dos sintomas que integram o grupo de Transtornos Mentais Comuns (TMC). Entretanto, de acordo com pesquisas, a faculdade seria um espaço onde há um agravamento na quantidade de pessoas que sofrem com esses sintomas, sendo um número superior quando comparado a sociedade inteira.

É necessária uma conceituação sobre o espaço, pois falarmos dele sem suas devidas características, estabelecemos um termo vago. Quando dissemos que existe convivência entre as pessoas em um certo espaço, é possível associar ao o que Milton Santos (2006) sintetizou, afirmando que ele se faz amplo, mutável, sendo cenário e atuante no encontro das relações, ações e objetos de forma indissociável, podendo estabelecer que ele é o lócus das relações sociais.

Devemos indagar, partindo dessa associação, o que Doreen Massey (2008) formulou sobre a multiplicidade do espaço. Por ele estabelecer uma influência das relações pregando a heterogeneidade sem delimitação de tempo ocasionando de também ser um produto das relações, existe uma abertura que permite a esse espaço estabelecer sentidos ambíguos na sociedade. Ao pensar, colocando em destaque a universidade, ao mesmo tempo que ela é vista de modo inclusivo, buscando formar cidadãos e trabalhadores por meio do conhecimento, a mesma é capaz de se tornar um local que proporciona adoecimento mental, visto as cargas postas pela sociedade.

Uma concepção mais rica e mais sintética faz do espaço social uma malha na trama das relações hierarquizadas do espaço e dos homens: num território relativamente restrito, mas não pontual, uma combinação bastante forte das relações dos homens entre si, e dos homens com os lugares, distingue-se por uma coerência particular, de que os homens e as mulheres do grupo têm nítida consciência. (FRÉMONT, 1980, p. 145).

Até porque as relações criadas nesse espaço múltiplo adquirem característica hierárquica que dialogam em prol da conformidade, mas se abrem para a perda da saúde psíquica. Desse modo, se está constatado que a saúde mental está em agravo na sociedade atual, e de uma forma ainda mais intensificada dentro das universidades, cabe a nós compreendermos esse espaço, e como as características estabelecidas como prioritárias e essenciais influência na saúde psíquica dos indivíduos que a frequentam.

Perante as informações, a relevância do trabalho se dá na compreensão da distinção e progressão de pesos mentais à medida que avançamos no cumprimento do curso de graduação. Partindo desse estudo, compreenderemos como a vivência acadêmica está associada ao processo de adoecimento mental e as espacialidades que atuam por detrás.

Dentre isso, o surgimento e agravamento de TMC entre a população universitária, de modo que não trataremos o resultado apenas de forma quantitativa, mas também qualitativa, buscando a compreensão total dos aspectos encontrados, adaptando a uma linguagem fácil de ser interpretada,

dando espaço para uma abordagem ampla a qual caberia à universidade desenvolver políticas de prevenção preocupada com os que ali vivenciam.

Para a execução do trabalho, a metodologia baseou-se em: 1. Realização de revisão bibliográfica com enfoque nas esferas de produção geográfica e da psicologia; 2. Formulação de questionário para aplicação com o público-alvo baseado no desenvolvido por outros autores e instituições de ensino; 3. Aplicação de questionário com os graduandos de Geografia vinculados a Universidade Federal de São João Del Rei; 4. Utilização de análise de conteúdo desenvolvido por Bardin (1977) para categorizar e compreender as subjetividades presentes nos resultados das perguntas abertas do questionário. Por esse método, foi capaz desenvolver uma categorização discursiva que associada ao significado dos termos, auxiliie a encontrar as respostas (Figura 1):

CATEGORIA DISCURSIVA	SIGNIFICADO
Cotidiano	Vivência diária e rotineira.
Trabalho	Espaço onde ocorre as relações de ocupação e serviço.
Casa	Espaço onde ocorre as relações familiares.
Universidade	Espaço onde ocorre as relações de estudo.
Transtorno	Condições psíquicas que afetam o indivíduo.
Capacidade	Condições de capacitação que afetam o indivíduo.
Sentimento	Condições de sensibilidade que afetam o indivíduo.

Figura 1 – As categorias discursivas e os significados.
Fonte: ARAÚJO (2022).

A categorização realizada permitiu destacarmos as subjetividades vivenciadas no cotidiano do discente. Por esse viés, o trabalho aqui presente foi estruturado em dois momentos: O primeiro, enfocou-se em entender, a priori, a formação da geografia da saúde e como ela pode se relacionar com o entendimento do adoecimento mental, enfatizando o espaço da universidade como reprodutor desse estado. Em complemento, o segundo busca concretizar os objetivos específicos ao analisar e discutir o adoecimento mental na vivência socioespacial acadêmica, examinando o perfil dos discentes, identificando o processo de (re)laboração do adoecimento mental conforme o trajeto do curso e verificar as espacialidades por detrás do cenário investigado. Durante o trabalho ocorreu um processo de autoreferenciação pessoal advinda dos respondentes, pois não se realizou testes ou sessões diagnósticas apropriadas para a constatação de transtornos ou doenças mentais.

2. GEOGRAFIA DA SAÚDE COMPREENDENDO A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE (RE)PRODUÇÃO DO ADOECIMENTO MENTAL

Ao enfatizar o meio acadêmico por um termo geográfico, conduziremos a ideia de que este espaço reproduz cargas que contribuem para o adoecimento mental, e que a psique dos indivíduos que convivem no espaço pode se (re)laborar conforme os períodos cursados.

A ciência geográfica voltada para o campo da saúde permite realizar pesquisas que conectem o espaço com enfermidades, visto a contribuição para com a sociedade ao efetuar assimilação dos lugares com as doenças que ali pertencem e podem vir a surgir.

as análises das doenças ou causas que levam as doenças passaram a ser relacionadas, não apenas a fatores biológicos ou climáticos, mas com os fatores socioeconômicos, as condições de trabalho, a idade, os recursos aplicados na melhoria da saúde pública, seu planejamento, a qualidade de vida e outros aspectos tão importantes e que às vezes não eram levados em conta. (JUNQUEIRA, 2009, p. 8).

Adicionando a essas análises voltadas para geografia da saúde um olhar crítico pertencente ao pesquisador, o ser humano também entrará como objeto de estudo dado que o indivíduo altera e sofre alterações diante o espaço. Nessa esfera de estudo, a pessoa que realiza o trabalho entende que “não tem como isolar o enfermo do seu ambiente, pois o ambiente pode ser a causa, mas também pode ser a cura” (SANTOS, 2010, p. 47).

Mas nem sempre a área se formulou-se de tal modo, anteriormente, nomeada como Geografia Médica, havia-se um vínculo mais relevante com a medicina do que a com a ciência geográfica. A substituição do termo “médica” para “saúde” ocorreu em 1976, onde a Comissão Médica da União Geográfica Internacional (UGI) solicitou mudança buscando abranger “qualidade de vida, a educação, à moradia, o saneamento básico, infraestrutura em saúde e outros com a saúde das populações” nas análises (JUNQUEIRA, 2009 p.5). Em junção com a corrente positivista que surgia mundialmente, a Geografia da Saúde experimentava novos ares com usufru da tecnologia ao seu favor e tendo o espaço como área de estudo.

A maioria dos estudiosos vinculados a essa área da geografia utilizam como ferramenta de avaliação a confecção de mapas que abrangem as áreas de estudo, executando a formulação dos mesmos via softwares que mesclam dados cartográficos com tabelas. Os estudos aproveitam a cartografia para aperfeiçoá-la em prol da realização de espacialização de doenças (SILVEIRA; JAYME, 2014). Porém, a geografia da saúde está cada vez mais ampla e forte nas concepções, não se prendendo a estudos vinculados especificamente à mapas, construindo pelo viés crítico análises espaciais de sintomas por meio de discursos, como fora realizado na presente pesquisa.

Compreender a universidade como um espaço de vivência de indivíduos é entender que o local contempla diferentes narrativas, e dentre elas, as daqueles que adoeceram durante o processo de formação acadêmica. Singularmente e pluralmente os sujeitos entrelaçados no local vivido compartilham influências e transformações, e desvendá-las é decifrar socioespacialmente o cenário acadêmico.

Partindo de que a universidade não se faz apenas pela propagação de saberes e criada pelas mais diversas perspectivas, para alguns ela significa o símbolo de conhecimento, para outros ela marca espacialmente o adoecimento mental dado por angústias, dores e tristezas.

Por conta disso, o presente trabalho formula-se na busca pela compreensão do processo de adoecimento mental dos discentes do curso de Geografia, analisando o impacto da saúde mental individual na vivência socioespacial acadêmica. Para atingir o objetivo principal, traçou-se a necessidade de análise do perfil socioeconômico dos discentes do curso. Assim, identificou-se como o processo de adoecimento mental destes discentes se (re)elabora anualmente, dialogando e verificando as espacialidades que ocorrem no processo de adoecimento mental.

Ariño (2018, p. 26) menciona que “o sucesso acadêmico é compreendido como o progresso do estudante a fim de alcançar seus objetivos educativos e pessoais”. Porém, muito frequentemente, não há cumprimento das metas e o indivíduo deságua em um sentimento de infelicidade, cedendo margem para doenças psíquicas e desconfortos mentais. Santos *et al.* (2019, p. 59) informa que o estudante pode se deparar com “situações geradoras de pressões psicológicas, ansiedade e estresse, podendo evoluir para a depressão”.

Por conta disso, a pesquisa formula-se na compreensão do processo de adoecimento mental que afeta os universitários e que se (re)elabora de acordo com o tempo de permanência no espaço da universidade. O impacto não se vivencia apenas no adoecimento psíquico dos universitários, mas também, conduzem a novas demandas de saúde como cita Ariño (2018), por exemplo, comportamentos sexuais inseguros, abuso de uso de substâncias ilícitas ou lícitas. Para a ciência geográfica, enriquece o estudo sobre espaço e território ao compreender as consequências traçadas pelo processo de adoecimento mental na vivência acadêmica.

Em primeira instância, foram selecionados como objeto de estudo os graduandos vinculados ao curso de Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei, abrangendo os ingressos entre 2019/1 a 2022/1 associados à licenciatura e ao bacharelado. A abrangência irá permitir: 1. Análise socioeconômica conforme ano de ingresso; 2. Captar a existência e/o processo evolutivo do adoecimento mental vinculado diretamente ao tempo de permanência na universidade; 3. Uma maior amostragem para a veracidade dos resultados encontrados ($\frac{1}{3}$ dos graduandos matriculados e cursando matérias no semestre - 2022/2).

Para coletarmos os dados necessários, agimos de forma clara e objetiva com a formulação de um questionário baseado e adaptado nos modelos que foram disponibilizados pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pelo Encceja (2010) e por Ribeiro (2001) a ser respondido pelo público-alvo. Contemplando questões socioeconômicas, familiares e de saúde, o questionário confeccionado no formato virtual permitiu com poucas sessões de perguntas atingir a compreensão de casos individualmente, porém, sem nenhuma identificação, prezando o sigilo e a confiabilidade. Para essa

etapa, utilizou-se o uso da plataforma *Google Forms*, que além de dialogar com as nossas necessidades, ele possui ferramentas de salvamento e agrupamento das informações coletadas.

Por mais que a própria plataforma auxilie na associação dos dados colhidos, precisa-se do olhar crítico do pesquisador diante da coleta. Coube dedicar um tempo para averiguar os indivíduos estudados por ano de ingresso, contestando as espacialidades que os influenciam e que afetam diretamente/indiretamente no ambiente acadêmico que está inserido. Conduzindo corretamente e compreendendo as subjetividades existentes, o diálogo se encaminhou para a esfera da saúde mental, captando como os mais diversos grupos de análise atuam/são atuantes na psique do ser, em modos coletivos ou particular, partindo do pesquisador realizar uma inspeção criteriosa.

Destacou-se no estudo o quanto as alterações no estado de saúde mental se (re)labora conforme a continuidade acadêmica, alcançando tamanha afirmativa ao agir pelo método de comparação entre os grupos pré-organizados. A análise quantitativa e qualitativa esteve presente na espacialização do adoecimento, em que a universidade se faz recheada de adjetivos dados pelos discentes ao falar de suas experiências singulares no local.

Enquadrando a metodologia, a aplicação do questionário abarcou 57 estudantes matriculados e frequentes na graduação. Abrangeu-se pelo formulário discentes que se encontram vinculados do 2º período ao 10º primeiro período, destacando-se o número elevado de respostas no 2º (12), 6º (13) e 8º período (13). Totalizou-se 46 perguntas, sendo 9 abertas e 37 fechadas.

Em vista de sanar o objetivo principal, formulou-se uma questão de caráter obrigatório para resposta ao qual solicita que o entrevistado descreva como a saúde mental influencia na sua vivência acadêmica. Sabendo da relevância por detrás desse questionamento, utilizou-se a análise de conteúdo formulada e conceituada por Bardin (1977). Ela permite que haja uma investigação do discurso exercido pelo respondente associado a intencionalidade e vertente teórica do pesquisador. Com base nas respostas obtidas a pergunta, executou-se a categorização por discurso em tópicos e palavras de análise, com grupos e subgrupos.

A Figura 2 elucida a metodologia aplicada à questão. Desenvolveu-se as divisões: 1. Caracterização (do entrevistado – pelo período do curso e modalidade); 2. Questão (resposta – dada pelo entrevistado); 3. Espaço (resposta situada em - citado na resposta); 4. Categorização (O principal motivo presente na resposta – 3 subgrupos: transtorno, capacidade e sentimento); e 5. Subcategorização (Dentro dos subgrupos, qual motivo se faz presente).

Caracterização		Questão	Espaço	Categorização	Subcategorização		
Período do curso	Modalidade	Resposta	Espacialidade	Principal motivo	Transtorno	Capacidade	Sentimento

Figura 2 – Tabela criada para realizar a análise de conteúdo

Fonte: ARAÚJO (2022).

Por ser de caráter obrigatório, os 57 estudantes entrevistados responderam à questão central, especializando a academia, a casa, o cotidiano e o trabalho que conduzem as subcategorizações transtorno, capacidade e sentimento. Dentro dos transtornos e consequências identificou-se ansiedade, borderline, síndrome do pensamento acelerado, depressão, perfeccionismo, insônia e suicídio. Nas influências à capacidade definiu-se foco, procrastinação, rendimento, interação. E quanto sentimento determinou-se os conceitos motivação, desânimo, preocupação, obrigação, insegurança, desespero, baixa autoestima, solidão, positivo, equilíbrio, competitividade e desistência. As discussões referentes aos dados serão discutidas não próximo tópico.

3. ANALISANDO E DISCUTINDO O PROCESSO DE ADOECIMENTO MENTAL NA VIVÊNCIA SOCIOESPACIAL ACADÊMICA

Buscando compreender as respostas adquiridas pelo questionário, iniciou-se a análise metodológica a fim de destacar ao final o processo de adoecimento mental vivenciado pelos discentes no espaço social acadêmico. Partindo da compreensão de que há duas modalidades de graduação em Geografia ofertadas pela UFSJ, bacharel e licenciatura, responderam às questões 29 discentes matriculados ao bacharel e 28 à licenciatura. Das pessoas entrevistadas, 32 se consideram da cor branca, 14 da cor parda, 8 da cor preta, 3 de outra cor, nenhum se considera da cor amarela.

A pesquisa abrangeu a faixa etária de 19 a 64 anos, os quais 52 se conceituam como cisgêneros, 2 como transgêneros, 1 como não-binário e 2 como outros gêneros. Como resultado de orientação sexual, 42 se consideram heterossexuais, 8 como homossexuais, 6 como bissexuais e 1 como assexual. Carlotto, Nakamura e Câmara (2006, p. 51) salientam que “quanto menor a idade dos sujeitos, maiores a Exaustão Emocional e a Descrença com o ensino, e menor o sentimento de Eficácia Profissional”, sinais de Burnout. Filtrando a idade dos entrevistados em 19-20, baseando que aos 20 anos inicia-se uma nova década de amadurecimento, 45.45% já pensaram em desistir do curso alegando sintomas estressantes e ansiosos, como dificuldade nas atividades e distância dos familiares.

Acerca de crenças religiosas, 34 não praticam nenhuma crença, enquanto 23 praticam. Analisando o grupo que pratica alguma crença religiosa, 12 exercem a religião católica, 5 a religião evangélica, 1 a religião espírita, 1 a religião umbanda, 2 o protestantismo, 2 outras. O fator “religião” auxilia na diminuição de casos de Transtornos Mentais Menores (TMM), sendo o indivíduo apenas pertencente ou pertencente e praticante a uma (ROCHA; SASSI, 2013). Na presente pesquisa, não podemos descartar a hipótese que a religião pode ter auxiliado na saúde mental dos discentes, entretanto 47.82% (11) das pessoas praticantes apontam piora mentalmente após vincular-se ao curso.

Acrescentando as pesquisas sobre modo de vida, questionamos sobre o uso de fumo, de álcool e sobre a busca por atendimento e acompanhamento psicológico e/ou médico psiquiátrico. Como

resposta ao fumo, obtivemos que 19.3% (11) dos estudantes entrevistados são fumantes. Abordando a frequência de consumo de bebidas alcoólicas, 3.5% (2) discentes bebem diariamente, 40.4% (23) bebem aos finais de semana, 7% (4) uma vez por mês, 31.6% (18) raramente e 17.5% (10) nunca bebem. Culturalmente, o álcool e o tabaco servem como símbolos que conduzem ao alívio, prazer e status (SOARES; OLIVEIRA, 2013), associando-se diretamente a pouca quantidade de alunos que não utilizam alguma das substâncias para aliviar o estresse acadêmico.

Ao responder acerca da busca por atendimento e acompanhamento psicológico e/ou médico psiquiátrico, 31.6% (18) nunca buscaram atendimento e acompanhamento, 42,1% (24) já buscaram, e 26.3% (15) estão em acompanhamento (Gráfico 1):

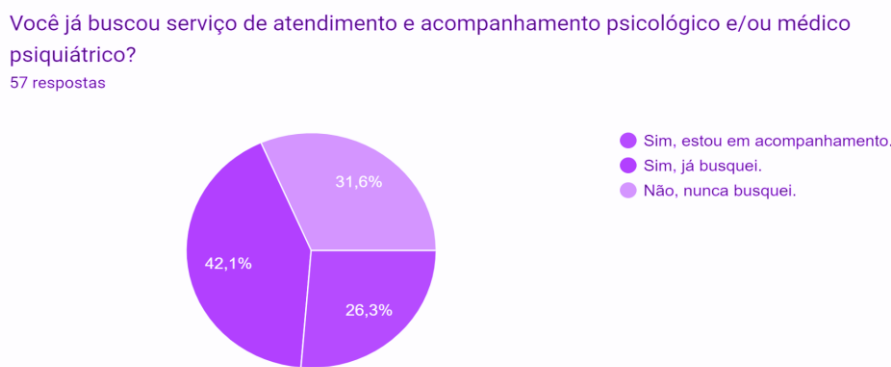


Gráfico 1 - Busca por serviço de atendimento e acompanhamento psicológico e/ou médico psiquiátrico.

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

Pensando na existência de um psicólogo escolar para este nível educativo nas universidades, Bisinoto, Marinho e Almeida (2011) explicam que o auxílio do mesmo contribuiria para avaliar as práticas educativas, a satisfação e a aprendizagem dos alunos para sugerir programas inovadores de ensino, auxiliar os professores a melhorarem suas habilidades profissionais e favorecer o aprendizado dos alunos.

Durante o questionário, dedicamos uma seção para abordar a renda dos discentes. Nela, perguntamos se possuíam alguma renda individual, ocasionando em 91.2% (52) respostas positivas, e qual seria essa renda, correspondendo à 27.8% (15) como mesada fornecida pelos pais e/ou familiares, 9.3% (5) como pensão, 29.6% (16) como bolsa de pesquisa ou social fornecida pela universidade, 40.7% (22) como trabalho e 9.3% (5) como outras. Apesar da porcentagem de discentes com renda individual ser alta, nas análises individuais percebemos diversas reclamações quanto ao custo financeiro de morar longe dos seus familiares e a dificuldade de se autossustentar. A preocupação com a parte monetária dialoga com os estudos de Fiorotti *et al.* (2010), tendo 229

questionários aplicados, 43% dos entrevistados que não possuem renda própria e 41.7% com renda familiar de até R\$1.500,00 apresentam-se com Transtornos Mentais Comuns (TMC).

Devido a relevância do preenchimento do termo “trabalho” como retorno, vinculamos a ideia dos impactos gerados pelo trabalho à saúde mental e como a graduação interfere nessa atividade do dia a dia. Para isso, perguntamos se os discentes pararam de trabalhar devido a graduação, onde 40.4% (23) mencionaram que nunca trabalharam, enquanto 21.1% (12) pararam de trabalhar e 38.6% (22) continuam trabalhando. A esses que continuam exercendo sua atividade de trabalho, questionamos sobre como avaliam o ato de estar trabalhando e estudando, atingindo como resposta por 64.7% (22) pessoas que o trabalho atrapalhou os estudos, por 11.8% (4) que possibilitou os estudos, por 17.6% (6) que possibilitou o crescimento pessoal e por 5.9% (2) que não atrapalhou os estudos. Avaliamos também a frequência com que o estudante que trabalha se sente estressado e/ou infeliz com seu emprego, evidenciamos que 14.7% (5) sentem-se desse modo diariamente e 35.3% (12) frequentemente, como demonstra o gráfico a seguir (Gráfico 2):

Com qual frequência você se sente estressado/infeliz por conta do seu trabalho?
34 respostas

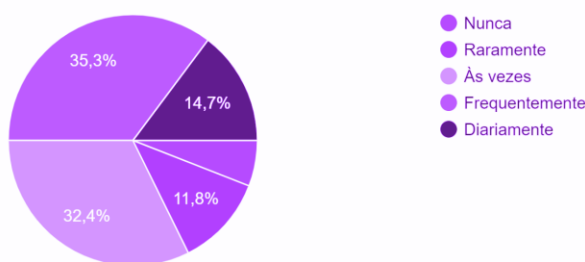


Gráfico 2 - Frequência de estresse/infelicidade entre os discentes por conta de trabalho.
Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.
Org: ARAÚJO (2022).

Vale ressaltar a relevância da pesquisa singular sobre os sentimentos dos discentes na presente proposta. Por esse olhar, dedicamos uma seção para analisar a graduação como um todo para os participantes do questionário. Descobriu-se que a maioria, 77.2% (44) dos discentes, nunca reprovaram antes da graduação, comparados com 17.5% (10) que reprovaram uma vez, 1.8% (1) que reprovou duas vezes e 3.5% (2) que reprovaram três a mais vezes. Sobre satisfação com o curso atual, 78.9% (45) se encontram satisfeitos, enquanto 21.1% (12) não se encontram satisfeitos.

A insatisfação quanto ao curso adequa-se a distintos sentimentos quanto ao espaço universitário. O indivíduo devido suas cargas anteriores constituídas em outros espaços validam-se diversas vezes como impróprio à universidade quando não consegue adaptação e adequação ao

sistema produtivo compactuado pelo meio acadêmico. Silva (2022) titula o aspecto vivido como “conflitos de localização”.

Emergem, assim, novas expressões espaciais a partir desse corpo e do imaginário coletivo, produzindo conflitos de localização, abrigando mercado de lugares, no qual determinados sujeitos podem ou não consumir esses espaços. Dessa maneira, o espaço social passa a se tornar um potencial para legendar qualquer evento, criando meridianos e trópicos diários de luta, poder, resistência e libertação. Certos espaços e relações espaciais escondem, apagam e negam determinados corpos. (SILVA, 2022, p. 49).

O olhar do estudante perante o curso é um critério de análise relevante como aponta Ariño e Bardagi (2008, p. 49), pois há “evidências de que percepções negativas sobre a escolha do curso e a percepção da sua competência pessoal para a carreira escolhida, são fatores que podem acarretar em prejuízos para saúde mental do estudante”. E, ao questionar os discentes sobre a insatisfação perante ao curso, percebeu-se que a maioria dos que responderam são vinculados ao bacharel, alegando descaso da proposta da graduação quanto ao mercado de trabalho e a grade curricular. Por outra ótica, o curso de Geografia da UFSJ conta com um corpo docente pequeno analisando as demandas que possuem, não conseguindo sanar todas as necessidades das esferas ensino, pesquisa e extensão. Elencado, destaca-se a adoção do novo regime fiscal, PEC 241/2016 ou PEC 55/2016, o qual com o congelamento de verbas e aumento da população universitária não consegue nutrir as demandas necessárias para um bom ensino, como a contratação de novos docentes. Outro retorno que tivemos foi a insatisfação devido a desavenças entre as duas modalidades de graduação, bacharelado e licenciatura, e entre os professores, área humana/educação e física.

Pode-se constatar também que os professores dividem o curso entre as diferentes correntes que o compõem (bacharéis e não bacharéis, sociólogos e anti-sociólogos, geografia física e geografia humana, tradicionais e críticos e, por incrível que pareça, até esquerda e direita), assim como em uma guerra a estratégia é “avançar sobre o território do inimigo”, conquistando posições. (LEÃO *et al.*, 2015, p. 22).

Compreendendo que a geografia é uma ciência, a existência de conflitos entre os componentes que formam essa área de estudo produz um enfraquecimento em escala geral. César (2015) assume que por mais que se tenha evoluído a geografia em conceitos em concepções, encontra-se na ciência geográfica uma dicotomia que reverbera em pesquisas de iniciação científica, extensão e produção acadêmica.

Sobre o corpo docente, fora alegado também posicionamento político explícito, falta de profissionalismo ético e interferência de conflitos pessoais em projetos de iniciação e extensão. Salienta-se que, docentes e discentes usufruem da autonomia universitária, presente no artigo 207 da Constituição Federal de 1988: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. O tema entrou em pauta no ano de 2018 pela Arguição de

Descumprimento de Preceito Fundamental 548 (ADPF-548), onde discutiu-se a interrupção de manifestações políticas no espaço universitário nas eleições de 2018. Ao final, a autonomia das universidades se manteve, concedendo espaço a qualquer indivíduo exercer e compartilhar seu pensamento político, professor, aluno ou servidor.

Para além dos motivos do curso, encontramos como resposta insatisfação advinda de problemas de adaptação na cidade, solidão e não se enquadrar com o que é desejado no pessoal. Dialogando, 68.4% (31) dos alunos já pensaram em desistir do curso. Justificando, relataram-se influência e dificuldade dos âmbitos financeiros (dificuldade de se manter na cidade, necessidade de trabalhar e estudar), familiares (distância da família), psicológicos (ansiedade, exaustão, cansaço, insatisfação, depressão, falta de apoio, desmotivação, sobrecarga) e do curso (perspectiva de mercado, falta de sentimento de pertencimento ao meio acadêmico, demanda de tempo para atividades e estudos, dificuldade nas disciplinas e falta de auxílio quanto a diagnósticos mentais).

Quanto às disciplinas, 29.8% (17) discentes reprovaram no semestre passado, onde 9 discentes reprovaram em uma, 2 discentes em três disciplinas, 1 discente em cinco disciplinas e 3 discentes em todas as disciplinas matriculadas. Quando questionados sobre o motivo, tivemos 21 assinalações nos critérios nota e frequência, tendo a maioria em nota, 12 assinalações, e não muito atrás, frequência com 9 assinalações. A presente pesquisa acrescenta que o semestre passado se refere ao período 2022/1 o qual apresentava resquícios da Pandemia de COVID-19 vivida em escala global (2020-ainda em curso), podendo ser um fator agravante da taxa de discentes com reprovados. Sunde (2021) realizou um estudo sobre a saúde mental dos discentes durante a pandemia e constatou que:

Os resultados deste estudo indicam a prevalência de sintomas de depressão, ansiedade, estresse e outros transtornos psiquiátricos entre os estudantes universitários devido à pandemia e às medidas adotadas neste período. O medo de contágio e de perder pessoas próximas, a incerteza sobre o fim da pandemia, sobre o retorno das aulas e a possibilidade de terminar o curso foram os principais estressores abordados nos estudos analisados. (SUNDE, 2021, p. 43).

Sabendo a relevância que a família obtém nas decisões pessoais, perguntamos se os estudantes recebem incentivos familiares para realização da graduação, descobrindo que 17.5% (10) discentes não contam com o incentivo e apoio afetivo/moral de sua família para realização do curso.

Investigando singularmente o humor dos entrevistados quanto à universidade, obtemos que de todos os estudantes, apenas 3.5% (2) não tiveram perturbação pelo seu estado de humor em alguma atividade. Acrescentando, os dados se fizeram preocupantes nas esferas catalogadas, dando destaque às provas/avaliações e concentração à aula/aprendizado (Gráfico 3).

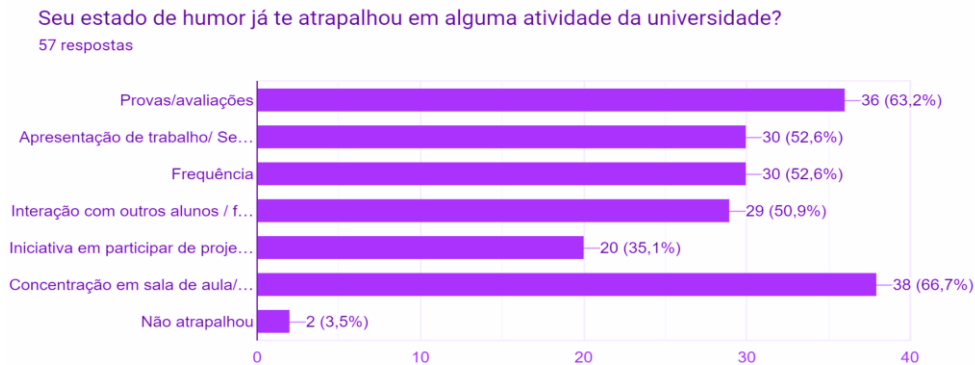


Gráfico 3 - Atividades atrapalhadas pelo estado de humor dos discentes
Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.
Org: ARAÚJO (2022).

Entendendo como o humor pode intervir no aprendizado em sala de aula, questionamos sobre qual a intensidade que o aluno desconcentra durante a aula por conta da sua saúde mental por meio de uma escala (Não desconcentro (1) - Sempre desconcentro (5)). Alcançamos como resultado que 73.7% das discentes se enquadram na escala 3 para mais, possuindo 21.1% na escala 5, ou seja, sempre desconcentram durante a aula (Gráfico 4).

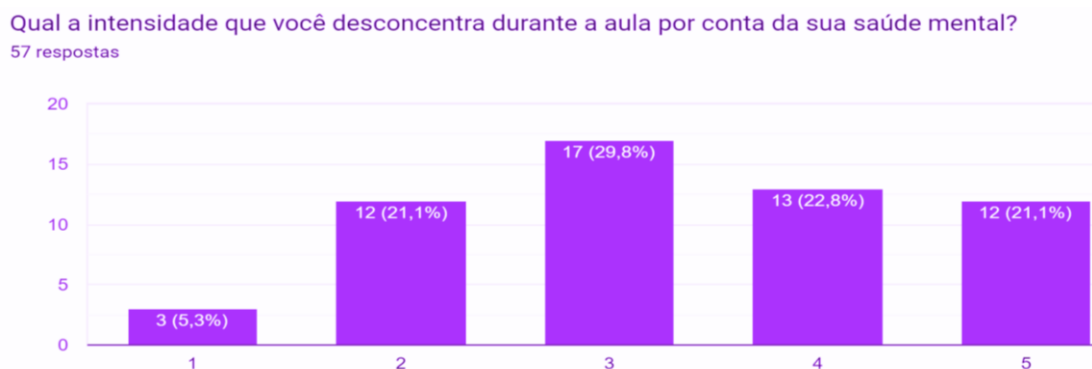


Gráfico 4 - Intensidade de desconcentração nas aulas pelos discentes
Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.
Org: ARAÚJO (2022).

Muniz e Garrido (2021), ao realizar entrevistas para mapear mudanças de hábitos e saúde dos estudantes após ingresso na universidade, tiveram como resultado relato que menciona a desconcentração para estudar após ter entrado no ambiente universitário. Os autores associaram o sintoma como uma característica gerada pelo estresse contínuo e cansaço.

Em prol de desvendar se ocorre uma progressão no adoecimento mental dos discentes com o passar dos períodos cursados, perguntamos as pessoas participantes o que ocorreu ao longo dos períodos do curso (desde o ingresso) à saúde mental individual. Como resultado, 59.6% (34) afirmam que a saúde mental piorou, e ao justificarem, trouxeram como motivo: estresse, medo, insegurança,

timidez, solidão, traumas, pressão, falta de ânimo em relação ao futuro, cansaço, falta de motivação, ansiedade, irritabilidade, incerteza, falta de companheirismo, sobrecarga, baixa autoestima, competitividade e nova rotina.

Quando indagados sobre qual período apresentou maior dificuldade para frequentar as aulas devido a sua saúde mental, tivemos como resposta do 1-6 com altos níveis de preenchimento (acima de 10%). Ao observar singularmente as respostas, percebe-se uma tendência de assinalação do período atual, o qual o indivíduo se encontra matriculado, e o anterior, o que recém passou/cursou. Há possibilidade desse resultado relacionar-se com a volta das aulas presenciais pós modo EAD adotado pela universidade pós pandemia. A maioria dos discentes podem apresentar complexa adaptação a mais nova “velha” sala de aula, presente fisicamente na universidade, em meio aos outros discentes e docentes. Outra explicação seria a capacidade da mente ressignificar memórias. Com o passar do tempo as dores serão intensificadas ou amenizadas de acordo com as novas experiências, levando ao discente cogitar que a dor da atualidade se faz mais sentida do que as anteriores.

No entanto, as histórias pessoais contêm uma mescla de fragmentos de verdade factual com fantasias que constituem o psiquismo humano, temperados pelas transformações do funcionamento do aparelho psíquico ao longo do desenvolvimento e pela repressão, que terá influência no "roteiro escolhido" para contar uma vida. (LIBERMANN, 2013, p.85).

Aplicando uma análise crítica, se a cada período que passa há uma renovação da percepção acerca do semestre que o aluno julga mais dificultoso para conviver com as aulas, significa que há uma (re)labolação do adoecimento mental conforme o passar do curso. Os dados encontrados conversam diretamente com a pesquisa realizada por Santos *et al.* (2018) que visa a avaliação do nível de Depressão e Estresse dos alunos entre os períodos iniciais e os períodos finais de uma Instituição de Ensino Superior no Município de Trindade – GO. Os autores encontraram uma evolução do quadro depressivo, 61% improvável nível de depressão nos períodos iniciais e 34% improvável de depressão nos períodos finais, e de estresse, 49% possível nível de estresse nos períodos finais e 25% nos períodos iniciais. Cabe lembrar que na pesquisa aqui desenvolvida tivemos respostas de diversos períodos, e que a maioria dos entrevistados não passou do sexto período ainda, fazendo sentido não ter altas respostas nos períodos mais avançados (Gráfico 5).

Na sua opinião, qual o período do curso que você teve maior dificuldade para frequentar as aulas devido a sua saúde mental?

57 respostas

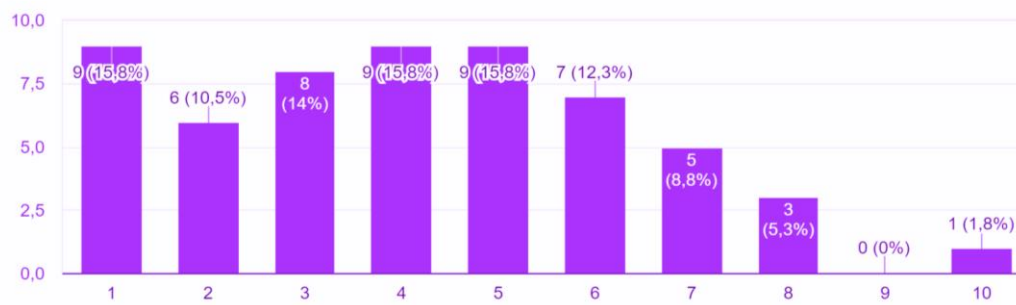


Gráfico 5 - Período que apresentaram maior dificuldade para os discentes frequentar as aulas.

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

Apresentou-se também uma enorme ansiedade quando questionados acerca de conversas com docentes. Dos 57 alunos que responderam o formulário, 52 apresentaram ansiedade ao dialogar com um docente da universidade, 21 apresentaram ansiedade ao conversar com Coordenadores/as / Chefes de departamento e 11 com Técnicos (Secretaria). Sobre o futuro, 71,9% (41) dos entrevistados afirmaram que em uma escala de 1 (não preocupo) - 5 (preocupo sempre) se encontram na escala 5.

A ansiedade nesse caso é resultante das relações de poder que preenchem o espaço universitário. Pode-se compreender como uma noção hierárquica que é vivenciada no contexto acadêmico até mesmo no posicionamento das carteiras em sala de aula, em que no modelo tradicional, são todas direcionadas para a pessoa que mantém o poder majoritário local, o docente.

Tais marcas, símbolos e significados criam nexos com as profundas relações de poder, nas quais diferenciações são criadas, ordens de segmentos de incluir\excluir, normalizar, classificar e demarcar fronteiras. Assim, hierarquias inseridas [...] normal e anormal; bons e maus [...]. (SILVA, 2022, p. 41).

Santos (2020) discute a relação de poder presente no espaço acadêmico pelos relatos de pessoas trans quanto a própria identidade, descrevendo que o docente estando em uma posição hierárquica maior mantém posse sobre decisões que afetam exclusivamente o outro (discente). Por essa perspectiva, Tuan (2015) enunciou que o orgulho e o poder andam de mãos dadas, em que sentir orgulho, seja ele coletivamente ou individualmente, instaura-se do exercício do poder.

De modo a complementar a pesquisa, realizou-se um autodiagnóstico com os discentes abarcando diversas características sobre a saúde mental individual como: Felicidade/satisfação, pensamentos, emoções, sentimentos e futuro. Para isso, foi adotado escalas de análise, de 1 (pouco) - 5 (muito). Quando questionados sobre felicidade e satisfação com sua vida pessoal, 35,1% (20) se encontraram no meio termo, acima de 3 encontrou-se 42,1% (24) dos entrevistados, como podemos evidenciar no gráfico abaixo (Gráfico 6).

Quanto feliz e satisfeito você tem estado com a sua vida pessoal?

57 respostas

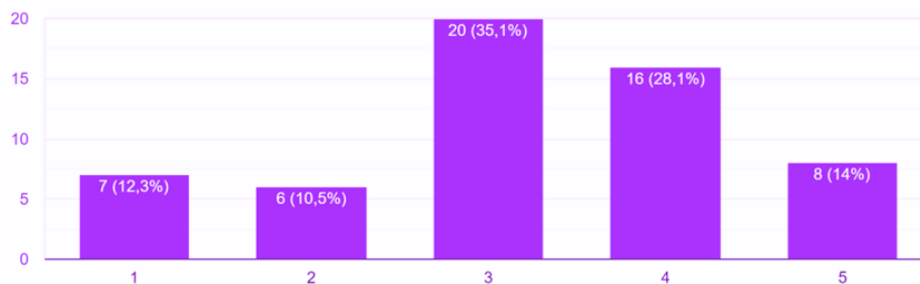


Gráfico 6 - Satisfação dos discentes com a vida pessoal

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

Acerca do controle perfeito de comportamento, pensamento, emoções e sentimentos no último mês, as escalas com mais assinalações foram mais próximas da de pouco controle, escalas 2 e 3, atingindo-as 59.6% do grupo estudado (Gráfico 7).

Durante o último mês sentiu que controlava perfeitamente o seu comportamento, pensamento, emoções e sentimentos?

57 respostas

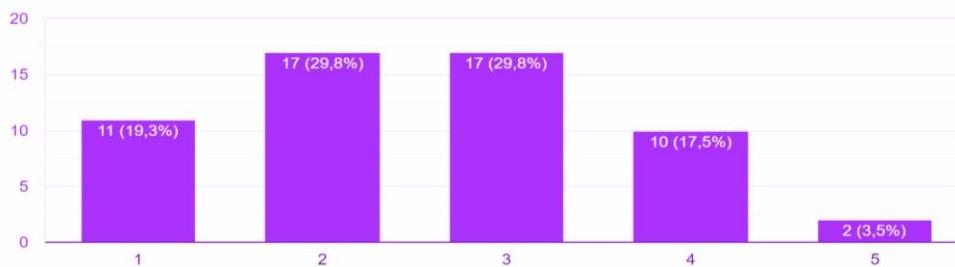


Gráfico 7 - Controle do comportamento, pensamento, emoções e sentimentos próprios

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

Sobre sentimento de falta de futuro e orientação, todas as escalas, com exceção da 5 (muito) apresentaram mais de 20% de assinalações (Gráfico 8).

Durante o último mês, com que frequência sentiu que não tinha futuro, que não tinha para onde orientar a sua vida?

57 respostas

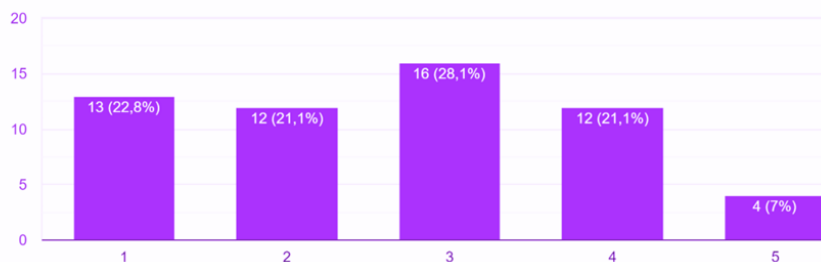


Gráfico 8 - Frequência que os discentes sentiram falta de perspectiva de futuro

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Ao questioná-los sobre frequência que sentem emoções específicas, os sentimentos “irritabilidade”, “desesperança”, “ansiedade”, “tristeza”, “amor” e “solidão” tiveram mais de 9 assinalações diariamente em todos os horários do dia, atingindo o pico em “ansiedade” com 24 assinalações diariamente no período da tarde e da noite, e 20 no período da manhã. Diferentemente, “prazer” foi o sentimento que atingiu máximo 9 pela manhã e 8 em outros horários diariamente, tendo seu pico na classe “frequentemente” e “raramente” pela tarde, com 19 e 17 assinalações.

Pelo olhar crítico, percebe-se que a “ansiedade” se mostrou assinalada no período que condiz com as aulas do curso, ou seja, a vivência do espaço universitário com diferentes fatores está acarretando o transtorno nos discentes. Curiosamente, se o espaço é um local de inter-relações e multiplicidades (MASSEY, 2008), questiona-se se essas se fazem com características singulares visto que a maioria dos que convivem no determinado ambiente sentem as mesmas consequências. É viável que pela vivência universitária transmitir e exercer as cargas “da necessidade de sucesso”, as inter-relações encontradas no espaço, assim como a psique do indivíduo, apresentam e disseminam as mesmas opiniões e demandas.

Cabe por esse pretexto priorizarmos a ideia de (re)laborar o convívio e o espaço acadêmico que descontamine a mente dos que ali frequentam, dando liberdade para o cultivo dos desejos individuais que desassocia das ideias de produção. Percebe-se que no mês de setembro há um apelo para essa transformação nas diversas esferas de relações, colorindo-o a data de amarelo. Contudo, o respeito perante a multiplicidade do espaço se perde ao final do mês, onde a relevância para com a saúde mental se esvazia, voltando o pensamento para o ego individual.

Como proposta para reordenar mentalmente, o acompanhamento psicológico e psiquiátrico é essencial, pois por esse trabalho em conjunto dos profissionais somos capazes de conhecermos a nós mesmos e conseguir distinguirmos os desejos individuais dos anseios postos pela sociedade ao ser. Perguntamos aos discentes sobre o conhecimento dos canais de apoio à saúde mental na universidade, e descobrimos que a maioria dos discentes (64.7% - 37) não sabem sobre a existência desses canais. A Geografia aplicada para a saúde visa o bem-estar problematizando e buscando ampliação dos serviços disponíveis voltados para atender as pessoas que convivem no contexto que reverbera o adoecimento (SANTOS, 2010). A Universidade Federal de São João Del Rei conta com atendimento psicológico promovido pelo órgão Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE) que disponibiliza o programa “ACOLHER - Serviço de Acolhimento Psicológico aos estudantes de graduação da UFSJ”. Antes do período pandêmico (2020-) ocorria o atendimento emergencial toda sexta-feira no Campus Santo Antônio, atualmente, devido à grande demanda, há necessidade de realizar um agendamento previamente pelo site da instituição via *Google Forms*¹. Acerca de atendimento

¹ Para mais informações acessar: https://ufsj.edu.br/proae/servicos_de_psicologia.php

psiquiátrico, até o mês de agosto de 2022 a UFSJ estava sem convênio para os alunos, visto o encerramento do contrato com o antigo profissional que realizava o serviço.

Finalizando o questionário, pediu-se para que os alunos descrevessem como a saúde mental influencia na vivência acadêmica. Aplicando a análise de conteúdo formulada por Bardin (1977), conseguimos compreender como a saúde mental – e o processo de adoecimento – se encontra em processo de reformulação múltiplo agregando distintas espacialidades que deságuam na vivência socioespacial universitária.

3.1. A multiplicidade espacial em torno da saúde mental dos graduandos da Geografia/UFSJ

Com o passar do tempo, o termo “espaço” corresponde-se mais precisamente à existência de multiplicidades locais as quais se fazem sentidas e vividas em diferentes escalas, resultando em espaços imprevisíveis quanto a características e ações, conforme aponta Massey (2008). Aplicado a academia, o espaço consome essa multiplicidade em cargas impostas àqueles que a vivenciam, resultando em consequências a vida individual do discente.

Utilizando-se da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), para melhor compreender as subjetividades por detrás dos discursos individuais coletados pela questão chave, ocorreu a categorização e subclassificação das informações adquiridas. A análise individual e minuciosa se faz ímpar para realização do trabalho, pois como fórmula Santos (2020), as vivências são conduzidas por relações de poder que incorporam e (re)elaboram o sujeito singularmente. O Gráfico 9 ilustra as categorias espaciais encontradas e formuladas durante a análise. Foram mapeadas 4 categorias espaciais: cotidiano (20%), trabalho (2%), casa (3%) e academia (75%). Elucidando os resultados, a categorização e subcategorização, realizou-se a feitoria da Figura 3. Dividiu-se a categorização em 3 tipos: Transtorno, Capacidade e sentimento, tendo as porcentagens de acordo com as categorias espaciais. Cada categorização conta com subcategorias presentes dentro do grupo maior, que também apresenta a porcentagem com que cada fator foi emitido durante as respostas.

Categorias espaciais

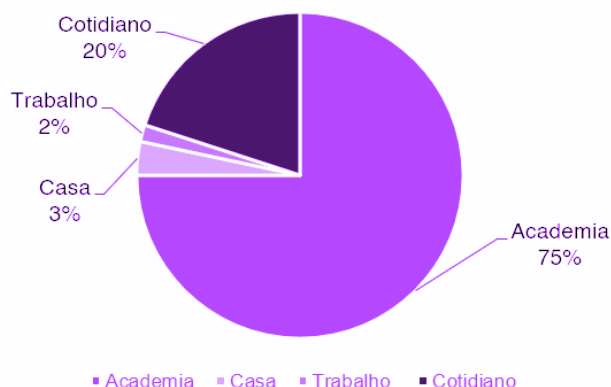


Gráfico 9 - Categorias espaciais

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.
Org: ARAÚJO (2022).

Espaço	Categorização	Subcategorização		
		Transtorno	Capacidade	Sentimento
Academia (75%)	Transtorno (22%); Capacidade (33%); Sentimento (45%)	Ansiedade (60%) Borderline (5%) Depressão (10%) Fobia Social (5%) Insônia (5%) Pensamento acelerado (5%) Perfeccionismo (5%) Suicídio (5%)	Foco (48%) Rendimento (36%) Procrastinação (4%) Interação (12%)	Sobrecarga (8%) Motivação (3%) Estresse (14%) Competitividade (3%) Baixa autoestima (11%) Insegurança (20%) Positivo (6%) Desânimo (11%) Desistência (9%) Equilíbrio (3%) Desespero (3%) Solidão (3%) Sobrecarga (3%) Preocupação (3%)
Casa (3%)	Transtorno (25%); Capacidade (25%); Sentimento (50%)	Ansiedade (50%) Insônia (50%)	Foco (100%)	Sobrecarga (33%) Desânimo (33%) Preocupação (33%)
Cotidiano (20%)	Transtorno (20%); Capacidade (27%); Sentimento (53%)	Ansiedade (66%) Suicídio (33%)	Procrastinação (14%) Foco (43%) Rendimento (43%)	Desânimo (30%) Preocupação (10%) Equilíbrio (20%) Baixa autoestima (10%) Obrigação (10%) Desistência (10%) Sobrecarga (10%)
Trabalho (2%)	Sentimento (100%)			Sobrecarga (33%) Estresse (33%) Desistência (33%)

Figura 1 – Categorias espaciais, categorização e subcategorização
Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.
Org: ARAÚJO (2022).

3.1.1. A vivência no espaço universitário

As respostas que continham evocações que enquadraram no espaço universitário foram anexadas à categoria espacial “Academia”, totalizando em 75%. A categoria espacial em questão se faz primordial para a compreensão do trabalho, pois ela é a esfera principal de estudo e análise. Sua relevância se faz abrangente nas falas que elucidam as categorizações de transtorno (22%), capacidade (33%) e sentimento (45%) (Gráfico 10). Por se tratar de um trabalho com enfoque na vivência do espaço universitário, a categoria espacial em questão dialoga-se com as demais (casa – 3%; trabalho – 2%; cotidiano – 20%), observando o impacto da esfera universitária na vida discente.

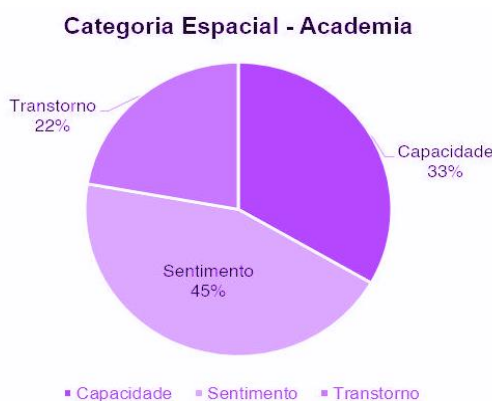


Gráfico 10 - Categoria espacial ‘Academia’

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

Birman (2019) exemplifica o contexto acadêmico como uma “guerra de posição”, dada por professores universitários que desejam elevar seus orientandos, aprovando-os nas bancas a todo custo e menosprezando os demais. Partindo dessa linha de raciocínio, dificilmente essa competição exacerbada se dá apenas em defesas de trabalho, no caso, existe uma disputa constante no meio universitário traçado pela busca de reconhecimento, a fadiga constante e a necessidade de sucesso, isto de forma individual, com autocobrança, ou em coletividade, necessidade de se mostrar ou diminuir os demais. Esse cenário leva ao desenvolvimento de transtornos, afeta a capacidade singular do indivíduo e instaura sentimentos negativos no interior do ser. A análise realizada constatou em transtorno que 60% das respostas dos discentes de geografia mencionaram ansiedade (Figura 3 – Academia: Subcategorização ‘Transtorno’: 'Ansiedade' - 60%):

[...] Atrapalha muito pois as crises de ansiedade e fobia social acabam prejudicando o aprendizado [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Eu penso que se minha saúde mental estivesse em dia, provavelmente teria um desempenho melhor no curso. Por conta das minhas crises de ansiedade e pensamentos descontrolados, não consigo estudar para as provas em casa, quando vou estudar já penso

logo no pior, ou seja, na reprovação. Ingressar na faculdade pós pandemia foi um caos para mim. Eu nunca tinha pisado na UFSJ e nem conhecia pessoas que estudaram lá. Fiquei totalmente perdido nos primeiros dias e sem nenhuma orientação, ficar assim é extremamente desesperador. Espero que esta falta de orientação não me prejudique no fim do curso [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Geralmente tenho ansiedade por ter medo de não dar conta de tudo que tenho que fazer em relação a trabalhos e provas, e sou muito perfeccionista e não gosto de fazer as coisas de qualquer jeito [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Influência muito. Quando estou em período de crises por causa da ansiedade, eu paraliso, não tenho estímulo para nada. Tenho pânico na prova e apresentação de trabalho, isso bloqueia muito minha vida acadêmica [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

Por esse olhar, a tendência de os estudantes desenvolverem traços do transtorno de ansiedade é elevado. A evolução e progresso do transtorno apresenta-se nas falas como fator que atrapalha o desenvolvimento do discente desde seu início na graduação. Encontra-se nas falas o resultado de pressões presentes no sistema que elevam o sentimento de insatisfação individual perante os resultados adquiridos quando comparados com a idealização preliminar.

Byung-Chul Han (2017) declara que essas imposições realizadas sobre a produção surgem de um excesso de positividade, porque em uma sociedade a qual possibilita você desempenhar qualquer papel o tempo todo, não o fazer é uma falha que ocasiona a perda de reconhecimento. Para ele, o sujeito do desempenho exerce uma pressão positiva acerca de si, onde estipula um eu-ideal inalcançável, estando submetido a decepções além de uma fadiga constante. Toda essa relação leva a um adoecimento, pois a agressividade causada pela sua auto soberania ao buscar novas iniciativas, quando não trazem resultados, se torna insuportável. A consequência dessa dinâmica seria o “infarto da alma”, forma que o autor nomeia, trazendo para o meio das doenças, se daria pelo burnout, a depressão e outras doenças psicológicas. Na subcategorização foram encontrados outros transtornos e consequências como: depressão (10%), borderline (5%), fobia social (5%), pensamento acelerado (5%), insônia (5%), perfeccionismo (5%) e suicídio (5%) (Figura 3 – Academia: Subcategorização ‘Transtorno’).

[...] Sentimento de insegurança, síndrome do impostor, autoestima baixa, ansiedade e depressão, tudo isso junto acaba por me tornar passivo e pouco proativo com relação a minha atuação acadêmica, pouco contato com professores e poucos laços afetivos na universidade [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Sem a saúde mental, a concentração se torna impossível, a ansiedade é o que mais me ataca na maioria das vezes, por conta de ter que realizar várias tarefas e também não morar na cidade que estudo, e ter que viajar todos os dias em torno de 1h ida e 1h volta, se torna

uma tarefa rotineira árdua, mas procuro me manter tranquilo aos fins de semana, e viver as coisas boas que a vida proporciona, fazendo minha música...isso me deixa mais tranquilo e me mantém motivado cada dia a mais [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

Muitas vezes diversos jovens são obrigados a se retirar da casa de seus familiares precocemente do que haviam imaginado, isto porque a distância da universidade impossibilita o deslocamento diário. Entretanto, alguns se submetem a realizar o trajeto diário visando a oportunidade do título de graduação, enfrentando o cansaço da viagem, medo diário das rodovias e a perda de tempo durante o trajeto.

Geralmente, as pressões se fazem presentes em todos os passos da vida acadêmica, perpassando por todos os períodos até a formação, visto que assim que adentramos a esse meio, somos sobrecarregados de expectativas, as quais temos uma necessidade consigo e com os outros de cumpri-la a fim de obter reconhecimento e orgulho das nossas conquistas. Porém, caso ocorra de falharmos e não atingirmos o resultado esperado, é posto um descrédito de fracasso em torno do indivíduo, sendo ele delimitador de suas competências, como um rótulo informativo de sua incapacidade que o acompanha em todas as esferas do meio acadêmico, o descrédibilizando para aqueles que reconhecem o seu erro assim como ele. Essa insatisfação pessoal pode conduzir o indivíduo ao desejo extremo de resolver os problemas, optando pela falsa solução presente no suicídio (Figura 3 – Academia: Subcategorização ‘Transtorno’: ‘Suicídio’ - 5%):

[...] Bem, eu parei o meu TCC e tudo na universidade pq não consigo não me cuidar mais, pq coincidentemente eu tive algumas tentativas de suicídio após a perda do prazo de entrega do TCC [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

Afeta-se em conjunto com os transtornos os sentimentos individuais que a população universitária capta de acordo com a vivência no espaço. Ariño e Bardagi (2018) apontam que existem estudos que estabelecem que a própria imagem do estudante acerca da sua autoeficácia na universidade influencia em sua saúde mental, que quando essa análise de sua capacidade se encontra baixa, leva a emoções negativas, instáveis, atreladas a tristeza e angústia. Em ordem decrescente, encontramos na pesquisa dos sentimentos insegurança (20%), estresse (14%), baixa autoestima (11%), desistência (9%), sobrecarga (8%), positivo (pensamentos/sensações positivas) (6%), motivação (3%), competitividade (3%), equilíbrio (3%), desespero (3%), solidão (3%), sobrecarga (3%) e preocupação (3%) (Figura 3 – Academia: Subcategorização ‘Sentimento’). Dialoga-se com os sentimentos em questão os depoimentos coletados pela resposta da pergunta central.

Insegurança (20%):

[...] Minhas tristezas e frustrações me colocam em posição de inferioridade aos demais, me sinto totalmente insegura e incapaz [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Atrapalha muito pois não me sinto preparado para fazer coisas que exigem um pouco mais de mim na graduação [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

Desistência (9%):

[...] Sempre que estou mal não quero ir à aula [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Começo a disciplina, surto e desisto [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

Motivação (3%):

[...] O estresse e a ansiedade não colaboram em sentir prazer de estudar [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Dificuldade em concentração e motivação [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Não me empolga muito [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

Por esse olhar, ao realizar uma compreensão que a sociedade neoliberal atual impõe certos comportamentos que incentivam a produtividade excessiva e a busca por sucesso constante, cabe problematizar o quanto essa relação cansativa e determinante impacta nas concepções das pessoas sobre a capacidade própria. Recebeu-se como resultado a conexão das demandas da sociedade, o julgamento das capacidades individuais e a vida acadêmica. Os termos presentes na subcategorização ‘capacidade’ deixaram claro a preocupação dos discentes acerca da produtividade, tendo foco (48%), rendimento (36%), interação (12%) e procrastinação (4%). (Figura 3 – Academia: Subcategorização ‘Capacidade’). Elucidando, abaixo encontra-se respostas que evidenciem a conclusão encontrada:

[...] Foco e busca/acompanhamento profissional [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Influência no contexto de não conseguir me concentrar, apesar de usar remédios. Senti que ao chegar no 6 período, me tornei mais competitivo, inclusive dentro do meu ciclo de amigos [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Preciso estar bem e confiante de mim para que consiga realizar com satisfação minhas vivências acadêmicas. Quando estou com minha saúde mental abalada, tudo é dificultado. Fica mais difícil conviver com os colegas, ter concentração durante as aulas, ter autoconfiança para realizar provas e trabalhos. Dessa maneira, sempre que necessário, procuro uma profissional qualificada para me acompanhar (como terapeuta) para que eu possa ter mais controle de mim e das diversas situações a que sou exposta[...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

O adjetivo “competitivo” presente no depoimento acima dialoga com o termo ‘capacidade’ presente na subcategorização. Problematizando, a competitividade instaura-se no ser devido às demandas presentes na universidade que pressionam o estudante a se destacar em meio aos outros. Para esse destaque ocorrer se faz necessário a produção em massa em curto prazo, atingir boas notas, e caso necessário, isolar-se.

[...] Com a competitividade entre as universidades e cursos, os docentes sentem uma pressão cada vez maior, pois a produção do conhecimento intelectual deve ser realizada em menos tempo e em maior quantidade. Somente com o aumento da produção científica as universidades e seus cursos são melhores pontuados também, havendo imensa inter-relação entre produção científica e qualificação de universidades. [...] Devido às pressões existentes para que haja um grande produtivismo acadêmico em que os docentes cumpram as metas de produtividade exigida, tais requisições acabam por impactar a saúde física e mental desses profissionais [...]. (CESAR, 2015, p. 86).

Perante as descrições acima percebe-se que a competitividade pode ser dada em diversas escalas, entre distintas universidades, cursos, docentes e discentes. O outro, pelo olhar das imposições sociais e políticas presente no cenário mundial, cria a necessidade de sermos egoístas para suceder hierarquicamente e alcançar o desejável “sucesso”.

3.1.2. O lar, o espaço casa, morada

A morada também se fez um espaço de análise. Encontrou-se nas respostas evocações atreladas ao lar vindo dos discentes. Para essas criou-se a categoria espacial ‘casa’, como pode ser analisada no Gráfico 11.

Categoria espacial - Casa

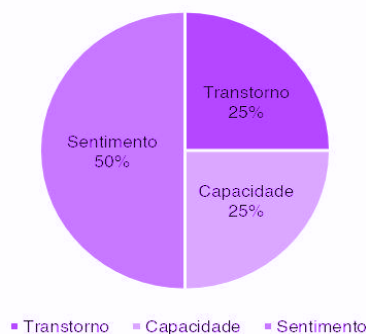


Gráfico 11 – Categoria espacial ‘Casa’.

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

A categoria espacial ‘Casa’ apresentou 3% de evocações na análise de conteúdo da questão central. Santos (2020) ao realizar pesquisa acerca das “vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível Superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial” posiciona que:

A categoria espacial 'Casa' (8,95% - 70 evocações) está intimamente relacionada à categoria espacial 'Espaço Acadêmico' (38,11%), na medida em que o apoio e incentivo familiar aos estudos, bem como o acolhimento e respeito ou não por parte de familiares podem influenciar positivamente ou negativamente as vivências acadêmicas destes sujeitos. Do mesmo modo, as vivências acadêmicas também podem influenciar as relações familiares, pois pode alterar as relações de saber/poder nas espacialidades da casa. (SANTOS, 2020, p. 148).

Visto a conectividade entre as categorias espaciais, destacou-se nas descobertas em torno da ‘Casa’ o apuramento de sentimento (50%), transtorno (25%) e capacidade (25%). A Figura 3 dialoga na subcategorização transtorno (ansiedade 50%; insônia 50%), capacidade (foco 100%) e capacidade (sobrecarga 33%; desânimo 33% e preocupação 33%).

Não bastando toda a insegurança e imposição sofrida, o estudante ainda é obrigado a lidar com a instabilidade fora do meio acadêmico, pois não há garantias de que ao sair do espaço universitário encontrará oportunidades de emprego, podendo todo esse sacrifício que teve durante os anos na universidade não darem frutos brevemente. Cabe a esse cidadão enfrentar mais uma época difícil em sua vida, o qual diversos não tem amparo familiar ou financeiro, o levando para um adoecimento mental. Visto que vivemos em um sistema capitalista e somos conduzidos pelas experiências e necessidades, o lar (conjunto família e casa) em conjunto com as dificuldades financeiras exerce mais uma carga podendo perceber na fala seguinte:

[...] Atrapalha bastante a concentração nos estudos e a conciliação família, trabalho e estudos causa muita ansiedade. Dificuldade para dormir à noite [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

A família é o berço da vida humana, por isso pode-se dizer que o lugar que acolhe podem ser espaços ou pessoas. O indivíduo distante fisicamente ou socialmente de seu espaço-casa sofre com efeitos de perda de identidade e solidão, adoecimento ou prejudicando mentalmente.

3.1.3. A espacialidade do cotidiano

A categoria espacial ‘cotidiano’ apresentou 20% de evocações (Figura 3). Dentre a categorização, as respostas se enquadram 53% em sentimento, 27% em capacidade e 20% em transtorno (Gráfico 12).

Categoria espacial - Cotidiano

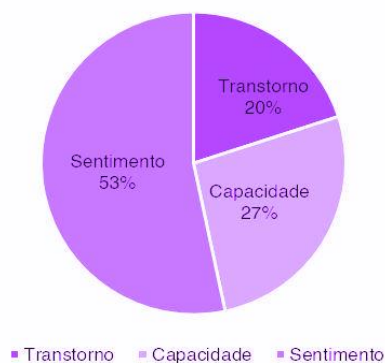


Gráfico 12 – Categoria espacial ‘Cotidiano’

Fonte: Questionários aplicados com discentes do curso de Geografia.

Org: ARAÚJO (2022).

O cotidiano é cercado de experiências pela vivência no espaço que constituem a realidade. Tuan (2015, p. 16) alegou que a experiência “abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos [...] e a maneira indireta de simbolização”.

[...] Ter que preocupar somente com a vida acadêmica acho que não seria um problema tão grande. Porém, ter que preocupar com a vida acadêmica, com dinheiro, com saudade da minha família é um pouco desanimador as vezes [...]. (Resposta a questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

[...] Acho que quando estou bem comigo mesma rendo bem e aprendo mais. Quando estava mal só fazia de qualquer jeito por obrigação [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

As respostas presentes acima problematizam as experiências do cotidiano, onde a realidade do indivíduo quando não colaboram com os desejos e afazeres diários acarretam nos sentimentos de desânimo e obrigação. Ademais, “os acontecimentos simples podem com o tempo, transformarem em um sentimento profundo pelo lugar” (TUAN, 2015 p.179), elencando-o com sentimentos de sofrimento.

3.1.4. O espaço do trabalho

A categoria espacial ‘trabalho’ não apareceu com fortes evocações na análise, constituindo apenas 2% das amostras. Dentro da categorização, sentimento ocupou 100% das respostas, trazendo consigo os termos sobrecarga (33%), estresse (33%) e desistência (33%) (Figura 3). A frase abaixo foi utilizada como resposta à questão central. Nela estão presentes os sentimentos subcategorizados conforme o respondente exerce uma reclamação da necessidade de trabalho para sustento e de estudo para atingir objetivos. Porém, a insatisfação do mesmo situa-se na estrutura educacional presente no

curso, onde certas atividades possuem horários incompatíveis com a realidade do trabalhador (diurno e vespertino).

[...] Às vezes me dá vontade de largar tudo pois é bem pesado trabalhar e estudar!! Às vezes reflito que a universidade não tem estrutura para quem trabalha durante o dia, pois as atividades sempre exigem alguns horários incompatíveis com o trabalho e isso vejo afetar minha saúde mental [...]. (Resposta à questão central de caráter obrigatório “Descreva como a sua saúde mental influencia na sua vivência acadêmica” presente no questionário do Google Forms em outubro, 2022).

A perspectiva encontrada dialoga com a pesquisa realizada por Maier e Mattos (2016), a qual encontraram como resultado que o estudante-trabalhador se submete a perpassar por essa carga diariamente em prol de uma realização significativa, o título de graduação. Os autores acrescentam que essa jornada dupla leva o discente a sofrer com escassez de tempo para demais atividades como o convívio com a família. Em concordância, Frémont (1980) acrescenta a ideia ao apontar que as migrações cotidianas ocupam o dia a dia, disponibilizando curtos espaços de tempo para encontros com familiares.

Curiosamente, após análise sistêmica e categorizadora é perceptível a correlação existente entre as categorias espaciais. Ao observar as subjetividades nas respostas concedidas pelos discentes, há presença de espaços distintos em uma só frase, assim como sentimentos, transtornos e capacidades. Mostra-se por essa esfera que o adoecimento mental visto no espaço acadêmico aparece e ultrapassa barreiras espaciais, afetando demais lugares de convívio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como o processo de adoecimento mental dos discentes do curso de geografia impacta na vivência socioespacial acadêmica. Como resposta, obtivemos que no cenário espacial da universidade encontra-se marcas do adoecimento mental atingindo as esferas casa, trabalho, cotidiano, além da universitária. E que por vezes a sociedade que compõe aquele determinado espaço pode ser compreendida como “conjunto de possibilidades” (SANTOS, 2006, p. 9), visto a dualidade perante o local da universidade. Se por uma perspectiva, o espaço de vivência acadêmica é relacionado a conquista de melhores condições de vida futuras, por outro ele reverbera a competição posta pelos sistemas econômicos e políticos.

Percebe-se quanto a realização do trabalho que a competitividade entorno do convívio com os indivíduos que convivem no espaço acadêmico ocasiona solidão e aumento de sentimentos e transtornos negativos quanto a si próprio. O transtorno “ansiedade” apresentou-se como resposta mais comum nas análises, provando que os estudantes de graduação em geografia estão desenvolvendo ou sofrendo pontualmente por TMC (Transtornos Mentais Comum), servindo como resposta para a quantidade expressiva de discentes que cogitam/cogitaram abandonar o curso.

Outra característica marcante encontrada ao final da pesquisa foi o impacto que a categoria espacial ‘casa’ apresenta quanto ao indivíduo. Ao desvincular-se do berço que o ampara e que fora a primeira exposição ao mundo - a família - o aluno se encontra perdido, como se perdesse suas características primordiais, sua identidade.

A análise realizada se faz ímpar quanto à contribuição para a ciência geográfica na esfera da geografia da saúde e para a compreensão do espaço universitário e dos que ali frequentam. Por meio dela, será possível realizarmos discursões que visem melhorar a saúde mental dos alunos não se prendendo apenas ao curso de geografia, mas a todos da universidade em questão. Visto que, saúde mental é um assunto para se preocupar durante todo o ano, não apenas em um mês específico.

REFERÊNCIAS

ARIÑO, D. O. **Relação entre vulnerabilidade psicológica, vivências acadêmicas e autoeficácia em estudantes universitários**. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 255p.

BIRMAN, J. O sujeito da contemporaneidade: Espaço, dor e desalento. *In*: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; SCHERER, A. E.; MARIANI, B.; CAMPOS, L. J. (Org.). **Discurso, interlocuções e....** Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 1-230.

BISINOTO, C.; MARINHO, C.; ALMEIDA, L. A atuação da Psicologia Escolar na Educação Superior: algumas reflexões. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, p. 39-55, 2011.

BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.

CARLOTTO, M. S.; NAKAMURA, A. P.; CÂMARA, S. G. Síndrome de Burnout em estudantes universitários da área. **Psico**, v. 37, n. 1, 2006.

FIOROTTI, K. P. *et al.* Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 17-23, 2010.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980. 276p.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 128p.

JUNQUEIRA, R. D. Geografia médica e geografia da saúde. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**. 2009.

LEÃO, V. P.; CARVALHO, I. A.; SILVA, S. M. A terminalidade e a integralidade dos cursos de licenciatura em geografia e a concepção bacharelesca de formação. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 6, n. 10, p. 21-30, 2015.

LIBERMANN, Z; ROSSONI. Tempo, memória e ressignificação. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 15, n. 3, p. 83-90, 2014.

MAIER, S. R. O.; MATTOS, M. O trabalhar e o estudar no contexto universitário: uma abordagem com trabalhadores-estudantes. **Santa Maria**, v. 42, n. 1, p. 179-185, 2016.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro, 2008. 312p.

MUNIZ, G. B. A.; GARRIDO, E. N. Mudanças de hábitos e saúde dos estudantes após ingresso na universidade. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 235-245, 2021.

PEITER, P. C. **Geografia da saúde na faixa de fronteira continental do Brasil na passagem do milênio**. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ROCHA, E. S.; SASSI, A. P. Transtornos Mentais Menores entre Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 2, p. 210-216, 2013.

SANTOS, A. E. C. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

SANTOS, F. O. Geografia Médica ou Geografia da Saúde? Uma reflexão. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 32, p. 41-52, 2010.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 392p.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: **Record**, 2003. 174p.

SANTOS, O. P. *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns entre os acadêmicos de uma instituição de ensino superior do município de Trindade – GO. **Vita Et Sanitas**, Trindade, v. 13, n. 2, p. 58-65, 2019.

SILVA, J. S. **Clique @qui para o HIV**”: formas contemporâneas de difusão do vírus no Brasil. 2022. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022.

SILVEIRA, H. M.; JAYME, N. S. Cartografia de síntese e geografia da saúde: aproximações teóricas. **Boletim de geografia**, v. 32, n. 3, p. 122 - 137, 13 fev. 2015.

SOARES, M. H.; OLIVEIRA, F. S. A relação entre álcool, tabaco e estresse em estudantes de enfermagem. **SMAD**, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português), v. 9, n. 2, p. 88-94, 2013.

SUNDE, R. M. Impactos da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos estudantes universitários. **Psi Unisc.**, v. 5, n. 2, p. 33-46, 2021.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.